

## Dois episódios extraordinários



**J.A. AZEREDO LOPES**  
*Presidente do Conselho Regulador da ERC*

**N**os últimos dias, fui actor involuntário em dois episódios extraordinários. O primeiro conta-se em duas penadas. No Facebook, fui convidado para ser “membro” de um grupo chamado “Jornalistas”. Anuí a tal convite com naturalidade e não pensei mais no assunto. Qual não é o meu espanto quando verifico que estava a ser sujeito à reacção virulenta de dois ou três (não sei precisar) jornalistas do referido grupo que contestavam, em tom veemente, que eu ali estivesse, ameaçavam deixar o grupo ou de nele participar, e outras coisas menos edificantes. Tão perplexo como deliciado com tal galinhice, imediatamente me dispus, depois de sugestão directa de uma das personagens, a “auto-excluir-me” de participar em assembleia tão importante e enclausurada em si mesma – aqui entre nós, parecia uma autêntica “gaiola das malucas”. O que fiz, depois de comprovar, pela positiva, a discordância digna e amplamente maioritária dos membros daquele “grupo” perante revolta tão maricosa (não encontro termo mais preciso). Os que me queriam fora dali eram, portanto, uma pequena minoria tonta sem qualquer relevância. Bom sinal para o jornalismo, pensei. E, ponto final. Chega, no entanto, o segundo episódio extraordinário. No mesmo dia, fui contactado por uma jornalista deste jornal que me referiu o episódio e pediu comentário. Disse o que acima

disse. Que tinha sido um episódio insignificante que, quando muito, revelava em muito poucos um complexo de inferioridade disfarçado de complexo de superioridade. O ponto seguinte das minhas declarações é decisivo: acentuei como, felizmente, a grande maioria criticara, às vezes de forma dura, tal atitude. Dei até explicitamente como exemplo o erro daqueles que vão ver um filme e saem a meio, correndo o risco de não perceber o que viram porque não viram o que vinha a seguir. Senti por isso indignação quando, ao abrir o DN do dia seguinte (sábado, 2 de Abril de 2011), verifiquei que tudo o que dissera tinha sido truncado e grosseiramente adulterado, em artigo não assinado (o ponto é importante). Ali apareço a atacar, em discurso directo e de forma violenta, toda a classe jornalística! Não sei ao certo o que levou a que tão sinistra coisa fosse assim publicada – embora tenha uma ideia precisa sobre o assunto, que para mim guardo. Custa-me, no entanto, que tal tenha acontecido num jornal como o DN, e não são estas palavras de circunstância. Mas não posso aceitar que, tendo sido dado à estampa tal despautério, não seja ele de imediato posto a nu e denunciado. Não é legítimo contar só metade da história, embrulhando-a como se estivesse inteira. Não é legítimo e é inaceitavelmente mentiroso imputar-me declarações críticas a uma classe profissional quando não só não o fiz como – ao contrário – a elogiei por, na sua grande maioria, não ter receio de debater ideias. Tenho por certo que estes episódios valem o que valem. Muito pouco. No jornalismo, no entanto, a mentira nunca é pequena nem grande. É só mentira.